

Nietzsche e a linguagem performativa: performativos explícitos e a fala do martelo¹

Nietzsche and performative language: explicit performatives and the speech of the hammer

Dedico este texto a Satis, o que já é o bastante

Rodrigo Francisco Barbosa*

Resumo: A hipótese *experimentada* neste artigo é a de que por meio da identificação de *elementos textuais* da obra de Nietzsche podemos reconhecer como quer Linda Simonis, que o filósofo alemão seria um “defensor e teórico do performativo *avant-la-lettre*”. Neste exercício interpretativo, esses *elementos textuais* são identificados, por exemplo, como *modulações da voz* na narrativa dos últimos textos de Nietzsche de 1888. Para realizar tal procedimento foi preciso ter como “pano de fundo” a interpretação de Barbara Cassin cuja *problematização* das definições rígidas do performativo e das “taxonomias” realizadas por Austin foi alavancada para nossos propósitos como ferramenta interpretativa. Neste sentido, como parte de um trabalho maior, o presente artigo busca explicitar em que medida esses *elementos* identificados como o “eu” da narrativa e a “figura do martelo” nos últimos textos de Nietzsche podem ser reconhecidos como parte da afirmação de Simonis que permite, em última instância, este nosso enquadramento desses *procedimentos* junto à noção mais ampla de “performativo”.

Palavras-chave: linguagem; performativo; Cassin; Nietzsche.

Abstract: The hypothesis *experienced* in this article is that by identifying *textual elements* of Nietzsche's work we can recognize, as Linda Simonis wants, that the German philosopher would be a “*avant-la-lettre* defender and theorist of the performative”. In this interpretive exercise, those *textual elements* are identified, for example, as *modulations of voice* in the narrative of the last texts of Nietzsche. To perform such procedure it was necessary to have as “background” the interpretation of Barbara Cassin, whose *questioning* of rigid definitions of performative and of “taxonomies” carried out by Austin was leveraged for our purposes as an interpretive tool. Therefore, as part of a larger work, this article seeks to clarify to what extent these *elements* identified as the “I” of the narrative and the “figure of the hammer” in the last texts by Nietzsche can be recognized as part of Simonis’ statement that allows, in the last instance, our framework of these *procedures* with the broader notion of “performative”.

Keywords: language; performative; Cassin; Nietzsche.

¹ Este artigo é uma adequação de parte de nossa dissertação de mestrado com o título “*Nietzsche e a linguagem performativa*”.

* Mestre em Filosofia pela PUC-PR. Curitiba, PR, Brasil. Contato: semcentro@gmail.com

Em sua caracterização do performativo da linguagem, mais especificamente no momento da primeira *taxonomia* “constativo/performativo”, Austin destaca que uma das características dos verbos performativos é se apresentar na primeira pessoa do singular². Se deixarmos de lado toda implicação de uma tentativa de “individualização do pensamento” que tal uso linguístico implicaria³ e, então, nos atermos apenas à *força enunciativa* do uso da primeira pessoa do singular no texto de Nietzsche, deste modo, poderíamos observar a complexidade de implicações da simples introdução da posição “eu” na narrativa do texto filosófico no intuito de *performar atos*, mais do que *comunicar* um sistema de “verdades”. Dito de outro modo, tentaremos mostrar de que forma o uso dessa voz na narrativa filosófica de Nietzsche, a partir da análise de alguns exemplos, parece implicar uma *intenção performática* do filósofo em sua compreensão e *instrumentalização* da linguagem para além do mero efeito estético, do mero *efeito epidítico*. Para tanto, analisaremos alguns enunciados ligados a primeira pessoa e a inserção da voz de uma personagem que nos permita assegurar a validade dessa interrogação e, assim, a legitimidade de nossa hipótese: os enunciados são “eu declaro...”, “eu faço...”, “eu condeno...” e outros vinculados ao projeto de “declaração de guerra”; e a inserção da outra voz consiste na atribuição da “fala” à figura do “martelo”, que situa o enunciado “destruir, auscultar ídolos”. Todos os enunciados inserem-se, de forma especial, no contexto dos últimos escritos de Nietzsche.

Em termos de performativo, o enunciado “eu faço...” enquanto um exemplo de enunciado que possui “verbo na primeira pessoa do singular” é, bem como “todos os outros”, um “performativo explícito”(AUSTIN, *How to do things with words*, p. 5). Neste caso, o reconhecimento da narrativa escrita com esses verbos já seria plausível para indicar uma espécie de *intenção performativa* no texto de Nietzsche. Outro elemento interessante é a insistente preocupação de Nietzsche em *exigir, inserir e simular* procedimentos corporais na linguagem escrita, como os gestos da pantomima do orador que são fundamentais no *efeito de persuasão*, mas que se perdem no texto escrito a não ser que sejam explorados⁴. Esse aspecto coincide com o fato de reconhecermos que “os performativos podem, muitas

² Cf. AUSTIN, *How to do things with words*, p. 5.

³ Especialmente na análise de Tongeren dos aforismos no contexto de JGB/ABM §268, em que se encontram uma *intensificação* de um processo de “individualização do pensamento” instrumentalizado efetivamente pela narrativa e pelas “vozes” dos textos. Cf.: TONGEREN, *Die Moral von Nietzsches Moralkritik*, p. 138, apud VIESENTEINER, *Experimento e vivência: a dimensão da vida como pathos*, nota 57, p. 246.

⁴ Cf. NF/FP 1[109] julho-agosto 1882 (anotações de Tautenburg a Lou Salomé).

vezes, ser totalmente substituídos por gestos” (FLORES, *Agir com Palavras: A Teoria dos Actos de Linguagem de John Austin*, p. 5). No entanto, é preciso destacar que não cumprimos toda a abordagem formal que uma investigação linguística implicaria. Em outras palavras, se fossemos seguir passo a passo os critérios de análise do performativo estabelecidos por Austin no texto de Nietzsche, estaríamos talvez, condenados ao fracasso. Seja devido as transformações que Austin mesmo promove pela “sea-change” seja pelas dificuldades de definições rígidas a partir dessa “transformação marinha”⁵. Isto significa que dentre os critérios de validade do “feliz funcionamento do performativo”⁶ assimilaremos apenas os necessários para nossa abordagem visto que, de acordo com nossa posição, a *auto-compreensão* de Nietzsche da totalidade do performativo na linguagem parece possuir limitações⁷. Não explicitaremos toda implicação e complexidade dos critérios de validade elencados por Austin. Apenas destacaremos em que sentido o não cumprimento dos dois últimos critérios ligados a uma certa *responsabilidade moral*⁸ não altera o efeito fundamental de uma enunciação de *performar* atos e que, parece colocar Nietzsche numa posição efetivamente *Extra-Moral* da qual poderíamos arriscar dizer que corresponderia a uma posição “cética”, a uma posição efetivamente “sofística”⁹.

Os dois critérios que deixaremos de lado e que implicam esse *comprometimento moral* em relação à “sinceridade” são os que se seguem:

(T1) Quando o procedimento - como acontece muitas vezes - supõe naqueles que a ele recorrem determinados pensamentos, quando depois deve provocar um determinado comportamento da parte de um ou outro dos participantes, é preciso que a pessoa que toma parte no procedimento (e deste modo o invoca) tenha, de fato, estes pensamentos ou sentimentos, e que os participantes tenham a intenção de adotar o comportamento implicado. Além disso, (T2) devem depois, de fato, comportar-se assim” (AUSTIN, 1975, p. 15, *apud* FLORES, *Agir com Palavras*, p. 6).

⁵ Cf. CASSIN, *A performance antes do performativo, ou a terceira dimensão da linguagem*, p. 11-46.

⁶ “‘happy’ functioning of a performative.” (AUSTIN, *How to do things with words*, p. 15).

⁷ Obviamente, Nietzsche não utiliza o nome performativo em sua obra que é uma nomeação posterior. Mas, há uma série de indícios que demonstram uma compreensão da linguagem enquanto *ação no mundo*, de modo especial, a linguagem enquanto “sedução”, enquanto *efeito epidítico* que “modifica a opinião das pessoas” por meio da instrumentalização retórica (material) da *doxa*. Esta mesma dimensão é que faz Linda Simonis assumir que Nietzsche é um “defensor e teórico e do performativo avant-la-lettre” (SIMONIS, *Der Stil als Verführer: Nietzsche und die Sprache des Performativen*, p. 58).

⁸ “o último par de condições (as condições T1 e T2), referentes à sinceridade dos pensamentos, sentimentos e intenções do locutor no ato de dizer” (FLORES, *Agir com Palavras: A Teoria dos Actos de Linguagem de John Austin*, p. 9).

⁹ Sofística aqui pensada na rubrica da legitimidade conferida por Barbara Cassin à Sofística e sua relação com o performativo da linguagem. Cf.: CASSIN, *Efeito Sofístico*.

Estes dois critérios significam, em última instância, que no ato de falar o locutor se engaja num comprometimento futuro em relação as suas palavras, ou seja, na medida em que digo algo que são pensamentos “sinceros” tenho a intenção de cumprir estas palavras no futuro. Mesmo sabendo que “este fenômeno atravessa todo e qualquer ato de dizer” e que essa seria propriamente “a dimensão performativa da linguagem” no sentido de “o que eu digo” *determinar* “o meu comportamento e o dos meus parceiros, tanto no presente como no futuro” (AUSTIN, 1975, p. 15, apud FLORES, *Agir com Palavras*, p. 9), no caso específico de Nietzsche, bem como, é o caso da *Sofística*, estes dois critérios parecem ser dispensáveis¹⁰. Esse *comprometimento moral* no ato de falar pode ser dispensado, pois, na tarefa de um “imoralista” tal como Nietzsche mesmo se coloca¹¹, “as palavras são uma estratégia de simulação que comportarão, eventualmente, outros fins que as ultrapassam” (FLORES, *Agir com Palavras*, p. 9). Essa é exatamente a função da *instrumentalização*, por exemplo, de “diferenciações”¹² e da *brincadeira com os signos* em Nietzsche¹³; da mesma maneira que é para Górgias o reconhecimento da *potência da linguagem* de “performar atos divinos”¹⁴. Jamais, em relação ao filósofo alemão, isso implicaria tomar a

¹⁰ Temos aqui, dois pontos de ressalva: primeiro, uma *desconfiança* quanto ao comprometimento de Nietzsche com suas enunciações: “**we cannot always be sure that Nietzsche took his own ideas seriously**, but this would certainly imply that we should regard him as more a literary artiste than a philosopher.” (EMDEN, *Nietzsche on Language, Consciousness, and the Body*, p. 5. Grifo nosso) e, segundo, em relação à preocupação de Nietzsche para com o *efeito* que a linguagem produz conforme podemos observar em (NF/FP 14[57] primavera 1888) e em outras passagens a partir de 1882.

¹¹ “Eu sou o primeiro *imoralista*: e com isso sou o destruidor *par excellence*” (EH/EH, “Por que sou um destino”, §2). Neste mesmo sentido podemos reconhecer o uso do verbo “*compromittirte*” em passagens que o comprometimento, quando acontece, é meramente estratégico: “Nunca dei um passo em público que não me comprometesse” (EH/EH, “Porque sou tão sábio”, §7).

¹² “Através do autoemprego de diferenciações (como verdadeiro e falso, bem e mal, forte e fraco), Nietzsche intencionalmente produziu paradoxos a fim de desconcertar as diferenciações filosóficas fixadas e, com isso, conquistar novas **marginas de atuação** (*Spielräume*) para o pensamento” (Cf. STEGMAIER, *Philosophischer Idealismus“ und die „Musik des Lebens“*, p. 93, apud VIESENTEINER, *Experimento e vivência*, p. 241).

¹³ Oferecemos apenas um exemplo do que aqui tomamos como “brincadeira com os signos” em Nietzsche: “Se eu já não tivesse me decidido comigo a respeito”: *wenn ich nicht darüber mich schon bei mir entschieden hätte*. A ligeira ‘agramaticalidade’ da frase em português permite ecoar o jogo de pronomes do original: *ich/ mich/ mir, ‘eu/ me/ comigo’*. Há um *crescendo*, no qual o pronome pessoal reto se transforma em obliquo direto e depois indireto. De modo correspondente à declinação do sujeito na frase alemã: nominativo, acusativo, dativo. E como sempre em Nietzsche, **o jogo formal tem implicações semânticas**: essas modulações do ‘eu’ se dão num contexto onde é questionado a noção de ‘eu’, onde é constatado do declínio do sujeito.” Cf.: nota 45 de Paulo César de Souza em JGB/BM (p. 204, grifo nosso). Sem mencionar ainda o “jogo com a seriedade” como destaca Simonis: “*Spiel mit dem Ernst*” (KOSITZKE, Boris. *Rhetorik und Erotik bei Nietzsche* apud SIMONIS, Linda. *Der Stil als Verführer: Nietzsche und die Sprache des Performativen*, p. 58).

¹⁴ “O discurso é um grande soberano que, com o menor e mais inaparente dos corpos, performa os atos mais

sinceridade ou veracidade de *suas* “verdades” e pensamentos como critério para a efetivação do *efeito* que eles se propõem causar. Isso não impede que haja o engajamento do ouvinte-leitor em *crer* na “honestidade” de um “pathos de vivência” transmitido na forma de *signos* como acontece na interação específica que remonta a um espécie de “vínculo empático” entre “autor” e “leitor”¹⁵. Mesmo reconhecendo neste ponto a diferença entre “enunciado e verdade” (FLORES, *Agir com Palavras*, p. 9-10), a posição *cética* de Nietzsche inviabiliza um enquadramento total em relação a dizer se seus enunciados correspondem a uma “mentira pura e simples, onde o que falha é a condição de sinceridade” ou que se trata de um “enunciado” que pode estar “errado” em termos de estar consciente da veracidade do que foi proferido (FLORES, *Agir com Palavras*, p. 9). Ao que tudo indica, a posição de *ceticismo* de Nietzsche coloca esta questão desde um ponto de vista “extra-moral” em que pouco importa a *crença nos próprios pensamentos* proferidos embora haja “probidade intelectual” muitas vezes¹⁶. É exatamente neste ponto que entraria, por exemplo, a questão dos enunciados “Fui compreendido?” nos últimos escritos como um *problema* da “comunicabilidade” e efetividade dos enunciados do qual inclusive Austin deixa em aberto: “Este fato, mais uma vez levanta o problema da rigorosa aplicação destas condições: até que ponto temos de verificar se a nossa mensagem foi bem compreendida para que o ato se realize? Até que ponto, a boa ou má interpretação afeta o sucesso das ações?”¹⁷. Da mesma forma com a qual o critério acerca da compreensão em relação a caracterização do “ilocucionário”, o “*securing of uptake*”, é problematizado por Cassin de forma a identificar a possibilidade recíproca de consequência de um efeito tanto no leitor-audiência, quanto naquele que *emite o enunciado*¹⁸. Trata-se antes de *performar atos* por

divinos”. Tradução de Barbara Cassin do *Elogio de Helena*, §8 (Diels-Kranz 82 B 11.) In: CASSIN, Barbara. *A performance antes do performativo, ou a terceira dimensão da linguagem*, p. 11-46.

¹⁵ Como uma das nuances do *efeito epidítico*, a comunicação de uma “tensão interna de pathos” (EH/EH, “Porque escrevo tão bons livros”, §4), a “comunicação de uma vivência” no âmbito da “nova” linguagem de Nietzsche (VIESENTEINER, *Experimento e vivência*, p. 267), pode, sem muitos problemas, ser assimilada junto à noção de “vínculo empático” (LOPES, *Elementos de retórica em Nietzsche*, p. 127).

¹⁶ Devido as limitações deste trabalho não abordaremos esse tema e gostaríamos que o leitor reconhecesse nosso débito a este respeito. Cf. LOPES, *Ceticismo e vida contemplativa em Nietzsche*.

¹⁷ Não abordaremos o aspecto da compreensibilidade neste artigo. Cf.: VIESENTEINER, *Experimento e vivência* e FLORES, *Agir com Palavras*, p. 8.

¹⁸ Em meio àquela “instabilidade extensiva” indicada por Cassin que torna os “limites fluidos” da demarcação, a *inserção* do perlocucionário na tripartição (*locucionário, perlocucionário, ilocucionário*) iria de encontro à 'performance logológica do tipo sofisticado' que amplia a compreensão da atuação dos efeitos sobre o próprio 'destinatário' no performativo: 'não é o destinatário que é seduzido pelo destinador. O destinador, o referente, o sentido não estão menos sujeitos à sedução exercida do que o destinatário' Este

meio da linguagem mais do que o simples desejo de “ser compreendido” no interior de uma pretensão de “universalidade de compreensão” como queriam os filósofos da tradição. No exemplo citado o sintagma na forma interrogativa “Fui compreendido?”¹⁹ já se apresenta quase como uma “palavra de ordem” no sentido de produzir um ato: *compreenda-me vamos!*²⁰

Nietzsche parece, como pensador experimental²¹ e “cético”²², não levar em consideração a possibilidade de assumir os critérios (T1) e (T2) mencionados, mesmo porque, para efeito de *performar atos* de um ponto de vista “extra-moral” essa negligência aos critérios citados “não interferem na realização do ato” (FLORES, *Agir com Palavras*, p. 9). Afinal “o enunciado, pelo fato de ser proferido, dá a entender que eu penso o que ele enuncia, mas não implica que seja verdade” (FLORES, *Agir com Palavras*, p. 9-10). É neste sentido que gostaríamos de ler essa *força enunciativa* dos “performativos explícitos”²³ “eu declaro, eu condeno, etc” junto a noção de “declaração de guerra” (*Kriegserklärung*) e a *fala do martelo* no pensamento de Nietzsche: mesmo antes da “invenção” própria do performativo a hipótese seria de assimilar essa *intenção performativa* de Nietzsche pelo uso linguístico através de enunciações que poderiam ser identificadas no interior daquele complexo linguístico denominado “performativo” pelo qual Cassin rediscute sua amplitude sob a dimensão de um *performativo expandido*.

Neste sentido, Paul van Tongeren em seu vocabulário sobre o pensamento de Nietzsche afirma que há um “uso performático da reflexão na declaração de guerra”²⁴. Mesmo aceitando tal argumento precisamos caracterizar, por exemplo, quais são os *usos* do enunciado “eu declaro guerra” que está ligado à noção de “declaração de guerra” (*Kriegserklärung*) e qual contexto semântico eles se encontram no texto de Nietzsche para identificar esse “uso performático” do qual van Tongeren descreve. Esse aspecto suscita a seguinte possível objeção já mencionada: enunciados de Nietzsche como “eu declaro guerra

último trecho citando Lyotard: LYOTARD *apud* CASSIN, Barbara. *A performance antes do performativo, ou a terceira dimensão da linguagem*, p. 32.

¹⁹ “Hat man mich verstanden?” EH/EH, “Por que sou um destino”, §7, §8, §9.

²⁰ Em relação à noção de “palavra de ordem” Cf.: “Postulados de linguística” In: DELEUZE, G; GUATTARI, F. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*.

²¹ Cf. MAURER, R. *Nietzsche und das Experimentelle*.

²² Cf. LOPES, *Ceticismo e vida contemplativa em Nietzsche*.

²³ “they are all ‘explicit’ performatives” (AUSTIN, 1975, p. 15 *apud* FLORES, *Agir com Palavras*, p. 5).

²⁴ “performativer Gebrauch von ‚Betrachtung‘ in der Kriegserklärung” (TONGEREN, Paul v. *Nietzsche Wörterbuch*, p. 307).

ao cristianismo” só teriam sentido para efetivação da realização de seus efeitos, na medida em que a “condição apropriada” correspondesse, de fato, a uma situação com a qual o *emissor* estivesse inserido num quadro institucional que lhe permitisse a realização de algo como uma *declaração de guerra* como, por exemplo, é o caso de um líder de Estado ou governante. Em outras palavras, um filósofo, num texto crítico-filosófico como no caso de Nietzsche, não teria àquelas condições satisfeitas para a efetiva realização “feliz” de uma *enunciação performativa* como um “eu declaro guerra”. O fato é que essa possível objeção de assumir que as “condições apropriadas” dos enunciados exigidas por Austin falham no contexto de uso feito por Nietzsche deve ser observada à luz da problematização de Cassin pela qual permite-nos *ampliar* estas *condições* para além do cronograma institucional de Austin. Dito de outro modo, a própria noção de performativo é ampliada e conduzida a reavaliar esse atributo de “condições apropriadas” uma vez que “a linguagem” é considerada, a partir da radicalização de Cassin com a qual assentimos, “uma atividade constitutiva criadora de efeitos concretos” com cujas “instâncias” ela “performa, transforma e dá forma ao mundo”²⁵. Portanto, uma vez *desancorada* essa objeção, cumpre realizarmos uma análise detida sobre as ocorrências das enunciações e dos termos presentes no texto do filósofo alemão.

A primeira pessoa do singular é a característica mais forte do texto de Nietzsche²⁶ com exceção apenas quando ele se utiliza da voz de outras personagens: como é o caso do próprio “Sr. Nietzsche” no prólogo da *Gaia Ciência*, da concessão a *fala do martelo* do *Crepúsculo dos Ídolos* que analisaremos adiante, e as diversas instrumentalizações que ele faz de variadas personagens. Este fato além de indicar uma forte *personalização* e *singularização do pensamento*, implica como mencionado acima uma caracterização deste uso linguístico como pertencente aos “verbos performativos”, apenas para vincular tal propriedade àquela primeira taxonomia de Austin. De modo especial, o “eu” como voz discursiva aparece em sua radicalização no texto *Ecce homo* em que o prefácio já indica tal radicalização e força narrativa: “assim **me** conto **minha** vida”²⁷.

²⁵ Cf. GONÇALVES, Rodrigo Tadeu. *Linguagem, sofística e tradução*.

²⁶ Apenas para ilustrar, nos textos publicados e autorizados do ano de 1888 temos um total de 208 menções de *Ich* sendo 11 em *Ditirambos de Dioniso*, 13 em *Nietzsche contra Wagner*, 16 em *O caso Wagner*, 38 em *O Anticristo*, 60 em *Crepúsculo dos Ídolos* e 70 em *Ecce Homo*.

²⁷ “Und so erzähle **ich mir mein** Leben.” EH/EH, Prólogo, grifo nosso. Vale lembrar que aparece semelhante expressão no livro III do Zarathustra: “Entrementes falo comigo mesmo, como uma pessoa que tem tempo.

Os enunciados ligados ao ato de declarar guerra no texto de Nietzsche do contexto de 1888 aparecem de forma diversificada, seja como “eu declaro...”, “eu levanto...”, “eu condeno...” ou “eu faço...” *guerra*, sobretudo, ao cristianismo. De modo especial, esta *violência condenatória* ocorre em *O Anticristo* no aforismo final em que subseqüentemente irá ser proclamada a famosa “Lei contra o cristianismo”. Ali no aforismo 62 Nietzsche, respectivamente, “pronuncia” sua sentença, “condena” e “faz” a “mais terrível das acusações”²⁸. Vale notar que nessa mesma obra o “eu faço...” já aparece no aforismo 9 como um *fazer guerra ao instinto do teólogo*²⁹. Temos nestes dois usos uma variação sutil do verbo *fazer*: enquanto no uso final o “fazer” como realização de “ich erheben...” indica além do sentido físico de elevar³⁰, também os sentidos de “elogiar, declamar, pedir, começar”³¹, no verbo “machen” encontrado no aforismo 9 o sentido é mais obvio à realização que implica “fazer, efetuar”³². O que parece ser atribuído a esse uso sutil e esporádico dos dois verbos é o fato de que, no início do texto, o embate de Nietzsche contra o cristianismo e seus representantes é realizado enquanto consciência de um “fazer guerra”, isto é, se reconhece desde então que se *está fazendo* naquele exato momento, guerra ao cristianismo, por isso o “a esse instinto de teólogo eu faço guerra”³³. Já em relação ao “fazer” de *erheben* do final de *O Anticristo* há uma série de conotações e outros verbos relacionados a uma ideia *legisladora* de “levantar, proclamar, declarar” como seria a efetivação de uma nova *tábua de valores*: é assim que, prestes a “inscrever em todos os muros essa perene acusação” e, *gravá-la* “signo por signo em tábuas de bronze” Nietzsche “pronuncia”, “condena” e assim “faz” uma acusação ao cristianismo³⁴, ou seja, passa-se da mera fala (*spreche*) ao ato de condenação (*verurtheile*) que tem como efeito uma ação

Ninguém me conta algo novo: assim, conto-me a mim mesmo.” *Za/Za*, III, “Das velhas e novas tábuas”, §2.

²⁸ “Hiermit bin **ich** am Schluss und **spreche** mein Urtheil. **Ich verurtheile** das Christenthum, **ich erhebe** gegen die christliche Kirche die furchtbarste aller Anklagen, die je ein Ankläger in den Mund genommen hat” *AC/AC*, §62, grifo nosso.

²⁹ “Diesem Theologen-Instinkte **mache ich** den Krieg” *AC/AC*, §9, grifo nosso.

³⁰ Cf. WAHRIG digital Die deutsche Rechtschreibung, 2006.

³¹ De acordo com o Dicionário Digital Wahrig “emporheben, loben, geltend machen, in feierl, verlangen e beginnen” (Cf. WAHRIG, 2006).

³² “facere, efficere. das verbum gehört den westgermanischen sprachen an” (Cf. *Deutsches Wörterbuch von Jacob und Wilhelm Grimm*).

³³ “Diesem Theologen-Instinkte mache ich den Krieg” (*AC/AC*, §9).

³⁴ “Hiermit bin **ich** am Schluss und **spreche** mein Urtheil. **Ich verurtheile** das Christenthum, **ich erhebe** gegen die christliche Kirche die furchtbarste aller Anklagen, die je ein Ankläger in den Mund genommen hat” (*AC/AC*, §62, grifo nosso).

efetiva no mundo (*erheben*)³⁵. Se atribuirmos ainda, o fato deste livro ser considerado “a transvaloração de todos os valores”, uma espécie de “encarnada declaração de guerra” (AC/AC, §13) e reconhecer que todo esse esforço de efetuar uma *guerra* ao cristianismo está ligado ao termo *Kriegserklärung*, temos nas mãos uma evidência extremamente interessante.

O interessante dessa efetiva “guerra”, seja contra o cristianismo, seja em oposição à tradição filosófica, enquanto uma *intenção performativa*, é que ela parece estar circunscrita de fato em grande parte das obras do ano de 1888, obviamente com objetos e intenções argumentativas das mais diferenciadas. Interessa-nos para a presente investigação analisar a atribuição da “fala” à figura do “martelo” situada nesse anseio de “*fazer falar em voz alta* exatamente o que gostaria de permanecer em silêncio” (GD/CI, Prólogo) no âmbito de *performar atos*.

O livro *O crepúsculo dos ídolos*, do qual o projeto de um “filosofar com o martelo” se inscreve, é, em seu início, descrito por Nietzsche como “uma grande declaração de guerra”³⁶. Tal projeto como a efetivação performática de produção de efeito duradouro pode ser assimilado na medida em que identificamos a intenção de Nietzsche de *realizar* algo tão grandioso como uma *construção* feita em “bronze”. Essa vinculação ao bronze é interessante ao deflagrar uma das referências mais interessantes nesse aspecto que envolve a grandiosidade em termos de *filosofia, literatura e retórica* que é o nome de *Horácio*. Horácio é aquele escritor romano que reconhece que ao realizar sua obra “ergueu algo mais duradouro que o bronze” exatamente como Nietzsche pretende com sua obra. É na esteira dessa *autocompreensão do potencial performativo da linguagem* que Nietzsche se insere: “Exegi monumentum aere perennius”, ou seja, “Ergui um monumento mais duradouro que o bronze”³⁷ parece ser, ao final, o que o filósofo alemão desejaria dizer. A expressão *aere perennius* em referência a essa frase de Horácio aparece sete vezes na obra de Nietzsche desde 1878³⁸. Na última das ocorrências da expressão, torna-se bem clara a intenção de Nietzsche de situar seu *Zarathustra* entre as “construções perenes”: “se reconhecerá em mim

³⁵ Lembrando que a “criação” tem como pressuposto “o negar e o destruir” daí a presença também de enunciados como “eu nego o tipo de homem [...] nego a moral vigente” (Ich verneine einmal Typus Mensch [...]; ich verneine andererseits eine Art Moral...) (EH/EH, “Por que sou um destino”, §4).

³⁶ “eine grosse Kriegserklärung” (GD/CI, Prólogo).

³⁷ Cf. nota 154 de Paulo César de Souza em JGB/BM (p. 225).

³⁸ Cf. MAI/HDI, §22; M/AA, §71; JGB/BM, §251; M/AA, §58; GD/CI, “*O que devo aos antigos*”, §1; e um apontamento, NF/FP 24[1] novembro-dezembro 1888.

até o meu Zaratustra uma ambição muito séria pelo estilo *romano*, pelo ‘*aere perennius*’ no estilo” (GD/CI, “O que devo aos antigos”, §1). Ao reconhecer a importância dessa alusão ao bronze podemos compreender a função paradoxal da figura do “martelo” na composição desse quadro de referências: o martelo ao mesmo tempo em que é uma ferramenta de *destruição*, é também um instrumento *médico* para o “diagnóstico da cultura” na medida em que permite “auscultar ídolos” (GD/CI, Prólogo), mas, sobretudo, é um dos principais instrumentos do *escultor* na ambição de (re) construir uma *obra duradoura*. Se pudermos inscrever, nessa amplitude de sentidos associados à figura do martelo, a prerrogativa da figura que, por um lado melhor exemplifica a potência do ato de *destruir* ao passo que, por outro lado, é aquela que recobre as nuances mais significativas da possibilidade criativa – seja na possibilidade de *afinar* um instrumento como um “diapasão” (GD/CI, Prólogo), seja pela força distintiva empregada para *talhar* uma escultura como ambição “*aere perennius*”, ou mesmo como uma referência implícita a *lenda germânica do martelo*, então, poderíamos compreender em que medida essa figura do martelo é instrumentalizada *metafórica e mimeticamente* como central no arsenal do *Crepúsculo dos Ídolos* e, inclusive, colocada a *falar*³⁹.

O trecho em que essa concessão à *voz do martelo* é feita trata-se da última seção do *Crepúsculo dos Ídolos*. Ali, como que no intuito de consolidar o *ato de guerra* Nietzsche opera uma modificação das vozes das personagens: o texto da seção é integralmente o aforismo 29 do livro III do Zaratustra⁴⁰. Essa manipulação é importante para reconhecer tanto a *brincadeira com os signos* em Nietzsche, como o processo de *mimetização retórica* que trás à tona o performativo da linguagem. Enquanto no *Zaratustra* a força performativa é instituída pela *voz* da personagem Zaratustra, no *Crepúsculo dos Ídolos* o martelo é que é convidado a ser o porta *voz* dessa produção de efeito no leitor. Por meio do enunciado “tornai-vos duros”⁴¹ (também presente no *Zaratustra*) o leitor é incitado não apenas a reconhecer os *atos de guerra* promovidos no decorrer do *Crepúsculo dos Ídolos*, mas efetivamente, é *afetado* a fazer parte dessa realização *artística*. Ao dar voz ao martelo, ainda com mais força do que a primeira pessoa do singular, a intenção performática aqui, parece ser a potência efetiva da linguagem que produz efeito no mundo, “performa atos

³⁹ Cf. GD/CI, “O martelo fala” (“Der Hammer redet”).

⁴⁰ Cf. Za/Za, III, “Das velhas e novas tábuas”, §29.

⁴¹ “w e r d e t h a r t !” (GD/CI, “O martelo fala”).

divinos”, traz à tona aquilo que “gostaria de permanecer em silêncio” (GD/CI, “Prólogo”) e *modificar* a realidade de *milênios*.

Referências Bibliográficas

- AUSTIN, J. L. *How to do things with words*. New York: Oxford University Press, 1995.
- BLINKSTEIN, Izidoro (Org). *Dictionnaire de linguistique*. Librairie Larousse. São Paulo: Editora Pensamento-Cultrix, 2007.
- CARRETER, Lázaro F. *Dicionário de Términos filológicos*. Biblioteca Românica Hispânica. Madrid: Editorial Gredos, 1987.
- CASSIN, Barbara. *A performance antes do performativo, ou a terceira dimensão da linguagem*. Trad. Luana de Conto. In: Revista Letras, Curitiba: Editora UFPR, n. 82, p. 11-46, set./dez. 2010.
- _____. *Efeito Sofístico*. São Paulo: Editora 34, 2005.
- _____. *Ensaio Sofísticos*. São Paulo: Edições Siciliano, 1990.
- _____. *Sophistique, performance, performatif*. In: ANAIS DE FILOSOFIA CLÁSSICA, vol. 3, nº 6, p. 01-29, 2009.
- DELEUZE, G; GUATTARI, F. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Editora 34, 1995.
- DWB = *Deutsches Wörterbuch von Jacob und Wilhelm Grimm*. 16 Bde. in 32 Teilbänden. Leipzig 1854-1961. Quellenverzeichnis Leipzig 1971. Disponível em: http://woerterbuchnetz.de/cgi-bin/WBNetz/wbgui_py?sigle=DWB&mode=Vernetzung&lemid=GM00007 Acesso em Março de 2013.
- DUCROT; OSWALD; TODOROV. *Dictionnaire encyclopedique des Sciéncias du langage*. Paris: Editions du Seuil, 1972.
- EMDEN, Christian J. *Nietzsche on Language, Consciousness, and the Body*. Urbana and Chicago: University of Illinois Press, 2005.
- FLORES, Teresa Mendes. *Agir com Palavras: A Teoria dos Actos de Linguagem de John Austin*. 2012. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/flores-teresa-agir-com-palavras.pdf> Acesso em Março de 2013.
- GONÇALVES, Rodrigo Tadeu. *Linguagem, sofisticada e tradução: atividade performativa e constitutiva na tradução da literatura latina dos séculos III e II a.C.* Conferência publicada

Nietzsche e a linguagem performativa: performativos explícitos e a fala do martelo

em Centro Multimedial de Educación a Distancia. Disponível em: <http://www.mendeley.com/research/linguagem-sofstica-e-traduo-atividade-performativa-e-constitutiva-da-traduo-na-literatura-latina-dos-sculos-iii-e-ii-ac/#> Acesso em Junho de 2013.

HEINEN, René. *Zum "Spiel auf der Grenze des Ästhetischen und des Moralischen": Nietzsches Vorlesungen über Rhetorik*. Frankfurt/ Main. Nietzscheforschung Band 9, p. 303-323. Disponível em: <http://www.gradnet.de/papers/pomo99.papers/Heinen99.htm> Acesso em Março de 2013.

LOPES, Rogério Antônio. *Ceticismo e vida contemplativa em Nietzsche*. Belo Horizonte: FAFICH/UFMG, 2008. Tese de Doutorado disponível em: <http://pct.capes.gov.br/teses/2008/32001010012P9/TES.pdf> Acesso em Março de 2013.

_____. *Elementos de retórica em Nietzsche*. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

MAURER, R. "Nietzsche und das Experimentelle". In: *Zur Aktualität Nietzsches*, Bd. 1: 7-28. Würzburg: M. Djuri, 1984.

NIETZSCHE, F. *Aurora*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. *A Gaia Ciência*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. *Assim Falou Zaratustra*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. *Além do bem e do mal*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. *Genealogia da Moral*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. *Ecce Homo*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. *O Anticristo; Ditirambos de Dionísio*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. *Nietzsche*. Coleção *Os pensadores*. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo, Abril Cultural, 1983.

_____. *Digital Critical Edition (eKGWB)*. Disponível em: <http://www.nietzschesource.org/#eKGWB> Acesso em Junho de 2013.

SIMONIS, Linda. *Der Stil als Verführer: Nietzsche und die Sprache des Performativen*. In: Nietzsche-Studien. Band 31, Pages 57-74, 2002, DOI: <http://10.1515/9783110170740.57>.

SUARES, Rosana. *Nietzsche e a linguagem*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2011.

TONGEREN, Paul v. *A moral da crítica de Nietzsche à moral: estudo sobre “Para além de bem e mal”*. Trad. Jorge Luiz Viesenteiner. Curitiba: Editora Champagnat, 2012.

_____. *Nietzsche Wörterbuch*. Bd.1. Berlin: De Gruyter, 2004.

VIESENTEINER, Jorge Luiz. *Experimento e vivência: a dimensão da vida como pathos*. Campinas: UNICAMP-IFCH, 2009. Tese de doutorado.

WAHRIG digital *Die deutsche Rechtschreibung*, 2006

Recebido em: 08/03/2013 – Received in: 03/08/2013

Aprovado em: 18/06/2013 – Approved in: 06/18/2013